



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

DOI: <http://doi.org/10.20873/VISAOESC>

A VISÃO DE ESTUDANTES SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

STUDENTS' VIEWS ON THE SOCIAL FUNCTION OF SCHOOL

PERSPECTIVAS DE LOS ESTUDIANTES SOBRE LA FUNCIÓN SOCIAL DE LA ESCUELA

Giovana Raupp dos Santos¹

Hiago da Silva Jardim²

Michael Prado de Souza³

Recebido 30/03/2025	Aprovado 15/05/2025	Publicado 23/05/2025
------------------------	------------------------	-------------------------

RESUMO: A função social da escola é tema de vastas discussões, não apenas na área da Sociologia, mas no debate público e nos espaços escolares. Deste modo, este trabalho busca compreender a percepção de estudantes do Ensino Médio sobre a qual fim se destina a escola, tendo em vista suas experiências enquanto discentes de escolas públicas das cidades de Viamão e de Porto Alegre (RS/BR). A partir de uma abordagem qualitativa, sobretudo com observações em salas de aula e entrevistas semiestruturadas com três adolescentes, ocorridas entre 2024 e 2025, foi constatado que, na visão dos estudantes, a escola desempenha, especialmente, um papel de preparação para aquilo que sucede as e os jovens: o mercado de trabalho, tendo a Universidade como porta de entrada ou não.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Função Social. Estudantes.

¹Graduada em Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, licencianda do mesmo curso pela mesma Universidade. Bolsista do PIBID - Sociologia pela CAPES.

²Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais pela UFRGS. Bolsista do PIBID - Sociologia pela CAPES.

³Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais pela UFRGS. Bolsista do PIBID - Sociologia pela CAPES.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

ABSTRACT: The social functions of schools are the subject of extensive discussions, not only in the field of Sociology, but also in public debate and inside the schools. Thus, this study seeks to understand the perception of high school students about the purposes of schools, considering their experiences as students of public schools in the cities of Viamão and Porto Alegre (RS/BR). Using a qualitative approach, specially with observations in classrooms and with semi-structured interviews with three teenagers, which took place between 2024 and 2025, it was found that, in the students' views, the purpose of schools is mainly preparing them for what comes next after finishing high school: the need of being employed, whether through university or not.

KEYWORDS: School. Social Function. Students.

RESUMEN: La función social de la escuela es objeto de amplias discusiones, no sólo en el ámbito de la Sociología, sino también en el debate público y en los espacios escolares. Así, esta investigación busca comprender la percepción de estudiantes de secundaria sobre el propósito de la escuela, teniendo en cuenta sus experiencias como estudiantes de escuelas públicas de las ciudades de Viamão y Porto Alegre (RS/BR). Utilizando un enfoque cualitativo, especialmente con observaciones en clases y entrevistas semiestructuradas a tres adolescentes, realizadas entre 2024 y 2025, se constató que, en la visión de los estudiantes, la escuela cumple, especialmente, un papel en prepararlos para lo que les sucede a los jóvenes: el mercado laboral, teniendo o no la Universidad como puerta de entrada.

PALABRAS-CLAVE: Escuela. Función Social. Estudiantes.

INTRODUÇÃO

A Constituição Federal do Brasil de 1988 estabelece a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família. O Estado cumpre essa obrigação através da oferta de vagas em instituições públicas de ensino, proporcionando que todos - em teoria - tenham acesso a espaços escolares



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

onde a educação seja realizada, segundo nossa Constituição, “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988, art 5º). Desse modo, é possível pensar como, juridicamente, a educação pública e, consequentemente, as instituições escolares possuem funções diversas, que vão desde a formação individual à qualificação profissional.

Porém, há elementos que não são possíveis de serem verificados apenas nos termos constitucionais e dizem respeito às formas como a escola tem manifestado suas funções sociais diversas na prática institucional cotidiana. Esse é o ponto de entrada da Sociologia e suas diversas correntes, que têm discutido, formulado ou criticado os diversos temas que compõem o debate educacional. A concepção funcionalista fundada por Durkheim e o desenvolvimento primeiro de uma Sociologia da Educação, especialmente a partir de *As regras do método sociológico* (Durkheim, 2008), trouxe para o centro do debate o fator social e a criação, através do próprio processo educativo do “ser social”. No desenvolvimento embrionário dessa área da Sociologia, o que é observável é uma concepção de educação ligada à ideia de transmissão, de tal maneira que “(...) o meio social tem como preocupação a transmissão de todos os elementos estruturais e simbólicos que o compõe” (Soares; Weiss, 2021, p. 22).

Segundo Young (2007, p. 1293), “a ideia de educação como transmissão de conhecimento, com certa razão, tem sido duramente criticada por pesquisadores da área da educação, especialmente sociólogos educacionais”. O que se percebe, portanto, é um desenvolvimento nos debates da Sociologia da Educação que avançam na medida em que os próprios debates da teoria e



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

do método sociológico se transformam durante o século XX. Dessa maneira se desenvolvem as chamadas concepções críticas, que se caracterizam pela inserção dos fundamentos do pensamento marxista na educação, como as ideias de Freire (2005), McLaren (1987) e Althusser (1985), e as teorias pós-críticas, como as que se originam em Foucault (2013), Derrida (apud Continentino, 2006) e Deleuze (apud Corazza, 2012). Observa-se uma transformação nos objetos centrais, e, como afirma Caffagni (2024), a escola passa a ser vista como um espaço de desenvolvimento das subjetividades e do pensamento crítico, contribuindo para a formação de indivíduos autônomos com participação ativa na sociedade.

O nosso interesse por esse objeto de estudo vem de encontro ao fato de que esse desenvolvimento na história da Sociologia da Educação, embora importante, pode não necessariamente condizer com o que é sentido, na prática, por aquelas e aqueles que são as e os protagonistas do processo educativo: as e os estudantes. Diante de nossas experiências práticas enquanto docentes em formação, sobretudo na disciplina de Estágio de Docência em Ciências Sociais I, matéria obrigatória de nosso curso, e nas vivências enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-CAPES), pudemos perceber que uma discussão que perpassa diariamente as conversas e, sobretudo, as vivências das e dos estudantes é pra quê serve a escola e quais são, afinal, suas funções. Por isso, este trabalho busca compreender a visão de estudantes do Ensino Médio sobre a qual fim se destina a escola, tendo em vista suas experiências enquanto discentes de escolas públicas. Dessa forma, essa pesquisa se justifica pela importância de colocar, na centralidade do debate, a visão



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

daqueles que cotidianamente vivenciam a educação pública e que são atores ativos e legítimos dos processos educativos ocorridos nas escolas, procurando compreender se sua visão sobre a função social da escola, embasada em sua vivência prática, está alinhada com o que pressupõe os estudos sobre as instituições escolares e a educação.

Para essa análise, foram entrevistados três adolescentes que cursam o Ensino Médio em escolas públicas, assim como foram feitas observações em salas de aula. Para compreender o campo de estudos sobre a função social da escola, revisou-se literatura sobre a temática, especialmente a partir de estudiosos da área da Educação (Caffagni, 2024; Young; 2007) e da área da Economia da Educação (Carnoy, 2006; Arim, 2011), tendo em vista que os atuais modos de produção e os parâmetros de produtividade do sistema capitalista podem afetar a forma como as escolas se estruturam.

A metodologia empregada possibilitou perceber que, diferente das concepções que enxergam a escola como espaço propulsor de desenvolvimento do pensamento crítico das e dos jovens, as e os adolescentes veem a escola sobretudo como uma etapa, um tempo-espacó essencial para um momento posterior, que é o ingresso no mercado de trabalho, tendo a Universidade ou não como porta de entrada. Tal percepção vai de encontro com o que pressupõe uma visão da educação desde a Economia, tendo em vista que, para pesquisadores como Carnoy (2006) e Arim (2011), a educação e, por consequência, a escolarização são aspectos centrais para o desenvolvimento econômico de um país. Um país com alta produtividade é um país educado e, por isso, o investimento em capital humano é essencial. As possibilidades de empregabilidade, para as e os jovens, estudantes do Ensino



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

Médio, portanto, se tornam o propósito principal da escola enquanto aspectos de formação de identidade e socialização, embora com alguma relevância, se tornam menos importantes.

METODOLOGIA

A autora e os autores da presente pesquisa, que trabalha com uma abordagem qualitativa, vivem na capital gaúcha e na sua Região Metropolitana e, portanto, o universo de pesquisa de campo se restringiu a escolas públicas de duas cidades: Porto Alegre e Viamão (RS).

Tendo em vista a inserção da autora em uma escola da rede federal em Porto Alegre – no âmbito da disciplina de Estágio de Docência em Ciências Sociais I -, e da inserção da autora e dos autores no ambiente escolar de uma escola da rede estadual de Porto Alegre vinculada ao PIBID Sociologia, o ponto propulsor para essa pesquisa foram as observações realizadas em sala de aula com estudantes do Ensino Médio. Para atividades de formação em docência, é comum e recomendado que as e os futuros professores se dediquem - antes do momento da prática docente, mas também durante - à observação das dinâmicas envolvidas dentro de sala de aula: como são as aulas, quais são as metodologias empregadas pela professora ou pelo professor, como as e os estudantes reagem a isso, qual a relação da ou do docente com as e os estudantes, como são as relações entre as e os jovens, entre tantos outros aspectos. Nesse sentido, a nossa formação também enquanto cientistas sociais nos auxilia a compreender esse momento como um momento de vivência da observação participante, tendo em vista os ensinamento de Foote-Whyte, (1980) sobre a temática, sobretudo quando pensamos que - assim como quando pesquisamos utilizando essa metodologia - para se inserir



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

em um ambiente escolar, é necessário que se reconheça, em um primeiro um momento, como uma pessoa estranha àquele lugar e que, depois, se trabalhe para estabelecer uma relação de interação e de trocas que propiciem o estabelecimento de vínculos de confiança, que, indubitavelmente, não ocorre de imediato e que só se formará com o passar do tempo.

Períodos de observação participante desse tipo propiciam interações e trocas com as e os estudantes e, além das conversas informais que naturalmente se desenvolvem no decorrer do cotidiano escolar, foram entrevistados - a partir de um roteiro de perguntas semi-estruturado, com perguntas-base, mas com a possibilidade de abertura para outras reflexões - três estudantes de escolas públicas de Viamão: dois meninos, um com 16 e outro com 17 anos, e uma menina de 16 anos. De acordo com Duarte (2004, p. 215), "entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados". Esses diálogos, tanto os mais informais como os em forma de entrevistas, foram muito importantes para compreender a percepção da e dos estudantes sobre a função da escola.

Com o intuito de compreender as posições de diferentes pesquisadores em torno da função da escola, revisou-se literatura a partir da área da Educação, especialmente os trabalhos de Caffagni (2024) e de Young (2007), e da área da Economia da Educação a partir de Carnoy (2006) e Arim (2011). Levando em conta os estudos da função da escola desde um ponto de vista da Educação, constatou-se que a percepção da finalidade da instituição escolar se alterou durante o tempo, passando de uma visão mais funcionalista, que enxerga a escola como espaço de transmissão de conhecimentos e normais



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

sociais, para uma visão mais moderna, que pode ou ver essa instituição como espaço possibilitador do desenvolvimento do pensamento crítico da juventude ou como um espaço de reprodução de desigualdades. Os estudos sobre os processos de escolarização a partir de um ponto de vista da Economia, por sua vez, percebem a escola como um espaço de produção de mão de obra. Isso se mostra importante, tendo em vista que, dada a forma como se estruturam as escolas e os processos educativos, as e os jovens podem enxergar a instituição escolar assim também. A escola, nessa perspectiva econômica, exerce um papel de grande importância, pois uma população educada é, sobretudo, uma população que produz.

REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar da vasta produção intelectual que debate a função social da escola, desde sociólogos à educadores, existe um tema por vezes implícito, outras vezes explícito, que permeia boa parte da literatura sobre o assunto: a relação entre a experiência subjetiva e individual em relação à conjuntura político-social e econômica que estrutura a sociedade onde a escola está inserida. Essas duas questões, apresentadas ora de maneira antagônica, ora convergente, são essenciais para entendermos o contexto do debate na produção de conhecimento, mas também, por aparecerem direta e indiretamente nas opiniões populares sobre a função social da escola, como veremos mais adiante neste trabalho. Nesse sentido, o referencial teórico da pesquisa tem por objetivo apresentar as linhas gerais do debate, assim como apresentar pontos de divergência e convergência entre os autores apresentados.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

Althusser (1985) aponta de maneira crítica os limites sociais da instituição escolar, que inserida em um sistema de opressão de classes como o capitalismo, acaba determinada por este e, portanto, reproduzindo-o. Segundo o autor, apesar da escola ter uma função de ensino da técnica, como a leitura e a escrita, sua principal função social está na “reprodução dos meios de produção” (1985, p. 13):

(...) a Escola ensina também as «regras» dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo o agente da divisão do trabalho deve observar, segundo o lugar que está destinado a ocupar: regras da moral, da consciência cívica e profissional, o que significa exatamente regras de respeito pela divisão social-técnica do trabalho, pelas regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. (Althusser, 1985, p. 21)

A posição sustentada por Althusser nos oferece ferramentas críticas para entendermos as afirmações que colocam a escola nesse espaço funcionalista, na medida em que a instituição apenas reproduziria seu papel historicamente constituído de ensino das práticas e dos costumes necessários à inserção no mundo da divisão do trabalho. Tal visão não exclui *a priori* a afirmação de que a escola cumpre papel no desenvolvimento de identidades individuais e outros processos de subjetividade, ao tomarmos como verdade a premissa de que os contextos sócio-políticos também têm influência nesses aspectos.

Foucault (2013) faz um movimento semelhante ao de Althusser ao apresentar a função da escola de maneira crítica, onde a instituição tem um caráter disciplinar e normalizador. “A escola, [...] proporciona a formação de determinado tipo de sujeito por meio de um modo específico de relações de poder, caracterizado por Foucault como ‘poder disciplinar’” (Galvão, 2018).



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

Neste sentido, o caráter do desenvolvimento da subjetividade e da identidade no processo de formação escolar é atravessado por mecanismos, técnicas e tecnologias de controle, desenvolvidos e aperfeiçoados com o passar do tempo, com o objetivo da produção daquilo que o autor chamou de “corpos dóceis”, em um processo de adestramento dos indivíduos. A escola passaria a produzir e reproduzir, portanto, uma série de técnicas disciplinares que também constituem outras instituições, como o exército, por exemplo.

Na oficina, na escola, no Exército, domina toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, faltas, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (falta de educação, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes «incorrectas», gestos inconvenientes, desmazelo), da sexualidade (imodéstia, indecência). (Foucault, 2013, p. 262)

A escolha dos autores aqui apresentados está no fato de que, apesar da educação não estar na centralidade de seus trabalhos, ambos apresentam posições paradigmáticas no debate crítico da relação sujeito-estrutura. Tal debate apresenta-se neste trabalho desde suas premissas ao seu desenvolvimento, no formato da relação dos alunos e suas percepções da instituição escolar. Por mais que se pudesse considerar o debate pós-estruturalista, da virada linguística e do aspecto discursivo, isso pouco falaria sobre a questão institucional que interessa a este trabalho. De tal maneira, que boa parte das premissas epistemológicas de onde partem os pós-estruturalistas, como o que foi chamado de “exorbitação da linguagem” (Anderson, 1985), já estavam presentes nas análises estruturais de Foucault e Althusser: “(...) todos os seus principais temas e asserções incluem-se nos limites desse território compartilhado” (*ibidem*).



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

A diferença entre Althusser e Foucault, porém, se evidencia na forma como os autores tratam do elemento político-econômico e social em suas abordagens, *a fortiori*, nas distinções de suas tradições teórico-epistemológicas. Enquanto Foucault peca em levar suas críticas à instituição escolar em um aspecto macropolítico, o indivíduo e sua agência parecem reduzidos em Althusser. O ponto de convergência entre os autores, porém, parece estar na reprodução. Em ambos, a escola cumpre um papel de reprodução do *status-quo*, seja em seu nível macro ou em suas micro relações de poder.

É possível identificar também outra proximidade fundamental em ambos os filósofos, quer seja, o exame da problemática da reprodução/disseminação de relações de poder na moderna sociedade capitalista. O lugar sociopolítico da educação, em ambos, é semelhante, apesar da construção conceitual diversa. (Pimenta, 2023, p. 17)

Outra aproximação observável entre os autores está na visão compartilhada de certo pessimismo. Não que os autores se descrevam desta maneira ou que suas teorias sejam avessas a possíveis mudanças na ordem social, mas, ao descreverem a instituição escolar apenas como reproduutora de desigualdades, ignoram ou abandonam sua potencialidade transformadora. Ao tomarmos a escola como um espaço que pode conter em si a resolução de algumas de suas contradições, através do desenvolvimento do pensamento crítico e do exercício da democracia, atribuímos a ela um caráter de luta e disputa político-social. “Seria, portanto, injusto pensar a escola da mesma forma que se pensam outros dispositivos e instituições sociais sem considerar esse caráter próprio de espaço de luta e conquista” (Caffagni, 2024). Não é



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

possível negar, com efeito, que a história constituída da instituição escolar, como sugere Foucault, tal qual a conjuntura material da opressão de uma classe sobre a outra, como colocado por Althusser, criam obstáculos concretos na construção de uma escola para além de si mesma, mas não significam sua impossibilidade.

É importante esclarecer que o sentido da *função* tratado tanto por Althusser e Foucault, como em outros momentos deste trabalho, nada tem a ver com a corrente *funcionalista* de Durkheim, Parsons ou Merton. Corre-se o risco da abrangência polissêmica do termo, mas, com o objetivo de empregá-lo nos sentidos específicos de seus sistemas filosóficos. A função foucaultiana está diretamente ligada com a ideia da reprodução e da disseminação das formas de poder, enquanto aquela de Althusser, está na correspondência da reprodução dos meios de produção, como já explicado anteriormente. Logo, é possível afirmar que a função para ambos os autores cumpre um papel de crítica do movimento de causa e efeito. No funcionalismo, porém, a função social diz respeito à manutenção do sistema social com vista “(...) às necessidades específicas de uma sociedade” (Soares; Weiss, 2021, p. 19). O tema da educação para funcionalistas como Durkheim, não é tratado em termos de uma descrição ou uma crítica, tampouco na relação de causa e efeito, “(...) seu objetivo não é tanto descrever ou explicar o que é ou o que tem sido a educação, mas determinar o que ela deve tornar-se” (Soares; Weiss, 2021, p. 17).

RESULTADOS E DISCUSSÃO



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

A ideia inicial de pesquisa surgiu a partir da observação de uma aula de Sociologia em uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública da rede federal em Porto Alegre. Nela, alunas e alunos, em uma discussão iniciada em decorrência da grade de horária das turmas, manifestaram sua opinião sobre disciplinas que tinham menos e mais valor para elas e eles. No debate, houve estudantes que defendem que disciplinas da área de Exatas eram mais importantes, pois ajudariam mais elas e eles no futuro, e mereciam uma carga horária maior. A justificativa para tal opinião era de que a função da escola, sobretudo do Ensino Médio, é estudar para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e, consequentemente, fazer ser possível entrar na Universidade. Tal visão vai de encontro ao que pensam os estudiosos da área da Economia da Educação, que enxergam as instituições escolares e, por óbvio, os processos de escolarização como parte importante do desenvolvimento da produção de um país. Segundo Carnoy (2006), a educação possui um valor econômico em que as pessoas investem em escolarização com o intuito de potencializar suas capacidades enquanto produtoras e consumidoras. Dessa forma, a visão desses e dessas estudantes concorda com tais pressupostos da Economia da Educação, que enxerga o tempo escolar como um processo em que se adquire habilidades para o mercado laboral. A entrada na Universidade possibilita melhores condições e oportunidades de emprego e, ademais, incrementa a produtividade de um país.

Da mesma maneira, os estados nacionais e as regiões têm interesse em aumentar o nível médio de escolarização da mão de obra porque consideram que isso produzirá um incremento da produtividade e, em consequência, do crescimento econômico (Carnoy, 2006, p. 26, tradução própria)



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

Nessa mesma aula, outras e outros estudantes, por sua vez, acreditavam que disciplinas de outras áreas tinham também um valor importante, pois seus conteúdos vinham de encontro aos seus interesses pessoais. A escola, aqui, para essas e esses jovens, parece assumir também uma função de desenvolvimento pessoal, onde não só o conteúdo formal importa, mas também os interesses pessoais de cada uma e cada um e as relações que são construídas dentro do ambiente escolar. Dessa forma, a socialização da juventude e a formação de suas identidades enquanto indivíduos e cidadãos são também aspectos que as e os estudantes levam em conta ao pensar na função da escola. Foi possível classificar, a partir disso, as ideias das turmas a respeito da função da escola em dois grupos: a escola como lugar de preparação para a entrada na Universidade - e posteriormente no mercado de trabalho - e a escola como um espaço de formação e desenvolvimento das relações de socialização, das identidades e das subjetividades humanas. Essa última ideia, no entanto, parece vir como um sintoma colateral da experiência escolar, ou seja, são vivências experienciadas no espaço da escola, mas que podem não ser necessariamente planejadas pela instituição. É importante sinalizar, também, que uma classificação não exclui a outra, e que as duas ideias de função da escola coexistem, juntas, uma se sobressaindo à outra, a depender do interlocutor.

A partir dessa experiência de observação e análise, passamos a refletir sobre o que pensam as e os jovens sobre a função da escola e surgiram, assim, algumas indagações: para elas e eles, qual o propósito principal da escola ao educar? O propósito defendido pela escola é o que se é vivenciado



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

pelas e pelos estudantes na prática? O mais importante é o acesso à Universidade? São as possibilidades de empregabilidade? É a formação humana e o desenvolvimento pessoal? Tais percepções se alteram de acordo com a identidade e lugar social que a ou o jovem ocupa? Para melhor compreender o que pensam as e os adolescentes, entrevistaram-se três estudantes, dois meninos e uma menina, de escolas públicas da rede estadual de Viamão.

Foi perguntado a essa e esses estudantes do Ensino Médio qual o papel que a escola desempenha na vida deles e qual a função social da escola na vida do estudante. O aluno do 1º ano respondeu que “a função da escola é estudar e aprender para desenvolver as habilidades para o futuro”, relatando ainda que “por conta da escola fiz amigos e vou ir aproveitando para daqui a pouco começar a trabalhar”. Esse jovem contou que já estava entregando currículos em busca de um emprego, por já ter 16 anos, mas que a maioria das empresas só contratava após a conclusão do Ensino Médio. Dias depois, o menino compartilhou que um supermercado o havia contratado e acrescentou a sua resposta que a função da escola é fazer com que as pessoas possam ter empregos. Percebe-se aqui que, para esse estudante, a escola é um período de passagem, ou seja, um espaço de formação de capacidades necessárias para um futuro próximo. As amizades feitas são sintomas colaterais da experiência escolar, tendo em vista que, para ele, o propósito da escola é fazer com que seja possível ter um emprego.

Ao fazer as mesmas perguntas para a estudante do 2º ano do Ensino Médio, ela relatou que, na sua visão, “a escola tem um papel crucial em alguns aspectos ajudando a gente no conhecimento formal e também nos ensinando a



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

socializar com outras pessoas, porém a escola também nos ensina que aprendemos quase tudo sozinhos por que nem sempre temos professores dispostos a ensinar de verdade nos explicando as coisas e tirando nossas dúvidas". Ao ser questionada sobre o que envolve esse "aprender sozinha", a estudante relatou que "a escola não te ensina a socializar tu acaba encontrando um amigo e os professores muitas vezes apenas passam o conteúdo deles e não tiram dúvidas sobre o futuro, faculdade e problemas do cotidiano". Essa jovem, por sua vez, percebe a instituição escolar a partir de uma perspectiva de ausência. Educadores e estudiosos da área da Educação afirmam que, para além de um lugar de desenvolvimento de conhecimentos formais, é importante que a escola seja um espaço de acolhimento e de criação de vínculos, tendo em vista que esses são aspectos essenciais para os processos de aprendizagens.

As mesmas questões foram feitas a um aluno formando do 3º ano, que respondeu que "a função da escola na minha visão seria proporcionar uma educação digna aos alunos dando a eles um entendimento sobre a vida profissional e adulta, já na parte prática da minha vida a escola me ajudou a ter uma visão mais focada na vida profissional, incentivando os estudos e com projetos práticos como quando tivemos que montar um projeto social para apresentar para todos os alunos da escola". Ao ser perguntado sobre o que era o projeto relatado, ele contou que se tratava de um trabalho onde deveria ser pesquisado sobre alguma profissão existente e apresentar a profissão no salão de atos da escola. Para esse estudante, a profissionalização aparece como um aspecto central da vida escolar. É possível que muito dessa perspectiva venha em decorrência do fato de que ele está cursando o último ano do Ensino Médio



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

e que as conversas dentro e fora da escola girem em torno do “pós-escola”, momento em que se espera que muitos jovens, a depender do seu contexto socioeconômico e familiar, assumam o papel social de trabalhadores.

Tendo em vista o que foi relatado acima, é possível verificar que a grande preocupação das e dos estudantes é, sobretudo, a inserção no mercado de trabalho. Tal visão vai de encontro com o conhecimento produzido por economistas da área da Economia da Educação (Carnoy, 2006; Arim, 2011), que - em contramão aos princípios de uma escola transformadora, defendida por muitos educadores - argumentam que uma população educada é essencial para um país, não pela sua capacidade de gerar transformação social, mas porque, para o pleno desenvolvimento de um país, e, portanto, para o crescimento de sua produção, é necessário educação. Segundo essa perspectiva - que, pelo que se pode deferir dos relatos da e dos estudantes, encontra legitimidade na forma em que estão estruturadas as escolas -, a formação de trabalhadores, ou seja, a formação de capital humano é essencial para o processo produtivo.

Outros aspectos da vida escolar, como os laços criados durante a vida escolar, embora mencionados em menor intensidade, também aparecem como aspectos importantes de suas vivências relacionadas à escola. São, contudo, como explicitado anteriormente, sintomas colaterais da experiência escolar: as amizades se criam organicamente sem muito incentivo de integração por parte da escola.

No entendimento dessa e desses jovens, a função da escola deveria ser, portanto, a de formação do cidadão, e a vida profissional é parte primordial dessa formação. Seus desejos, enquanto estudantes, são de uma escola



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

focada nos anseios das e dos estudantes e de toda comunidade escolar, que falha ao fazer com que suas alunas e seus alunos se sintam abandonados tanto pela escola como pelos professores. Ao exporem suas dúvidas sobre a vida para além dos muros da escola e sobre seus interesses sobre a vida social, não se sentem ouvidos. A escola, assim, não cumpre seu papel enquanto espaço de acolhimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola pode assumir funções diversas a depender da concepção sociológica adotada e/ou do interlocutor a ser entrevistado. Embora estudiosos como Foucault (2013) e Althusser (1985) vejam a instituição escolar com certo tom de pessimismo ao pensar nela como reproduutora de desigualdades, com pouca possibilidade de transformação social, há quem pense na instituição como espaço propício para mudança. Como bem sinaliza Caffagni (2024, p.14), “a sociedade muda e a escola, fruto dessa mesma sociedade, muda...mesmo que lentamente, mas muda! Que seja a escola o instrumento de mudanças”.

A partir da coleta de dados e das observações feitas, é possível pensar que as e os estudantes, protagonistas dos processos educativos e público-alvo dos propósitos das instituições escolares, por sua vez, compreendem a escola sobretudo como uma etapa, um espaço-tempo necessário a ser “passado” para o alcance de um objetivo definido: o trabalho.

Com a pesquisa, pôde-se perceber que, após se formarem no Ensino Médio, o ingresso na Universidade acaba sendo uma opção distante, dado suas realidades sociais e necessidades materiais de ingresso ao mercado de



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

trabalho. Nesse sentido, cabe destacar a diferença dos lugares sociais que as e os estudantes ocupam, tendo em vista seus contextos socioeconômicos e familiares e, também, as escolas que frequentam, pois, o cotidiano e a rotina escolar de uma instituição da rede pública federal diferem muito da de uma da rede estadual. Na primeira, é comum que estudantes recém-chegados ao Ensino Médio relatem suas expectativas sobre vestibulares e ENEM enquanto na segunda correm comentários, especialmente entre professoras e professores, sobre como as e os jovens, mesmo os que estão em uma fase mais avançada do currículo da educação básica, desconhecem ou não tem perspectivas sobre tais possibilidades.

Desse modo, fica claro que as funções sociais da escola podem ser muitas, mas, da forma que as escolas estão estruturadas, esse é considerado mais um espaço-tempo de passagem e menos de vivência e formação das subjetividades individuais. A escola passa a ser, portanto, mais um espaço de conhecimentos utilitaristas em que as aprendizagens servem ao propósito funcional de possibilidades de empregabilidade e menos um local de socialização e formação e desenvolvimento de identidades. Tendo isso em mente, para além de questionar qual a função da escola, é importante pensar a quem a atual estrutura de escola atende. Percebeu-se que a juventude não está contente com a forma com que as instituições funcionam e, por isso, em estudos futuros, é urgente questionar: para quem e para o quê as escolas funcionam? A partir disso, e pensando nos lugares sociais que as e os jovens ocupam, tendo em vista questões – interseccionadas - de classe, raça e gênero, sobretudo, será possível discutir a função e o lugar que a escola ocupa na sociedade.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- ANDERSON, P. **A crise da crise do marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ARIM, Rodrigo. Educación y economía em el Uruguay del futuro. In: CAETANO, Gerardo; AROCENA, Rodrigo (coord.). **La aventura uruguaya**. Montevideo: Debate, 2011.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituciona/constituciona.htm. Acesso em 03 mar. 2025.
- CAFFAGNI, Carla. Qual a função social da escola? Reflexões de nuances sociais e políticas a respeito da instituição escolar. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.**, v.32, n. 122, p. 1-18, 2024.
- CARNOY, Martin. La economía de la educación en una economía global. In: CARNOY, Martin. **Economía de la educación**. Barcelona: Editorial UOC, 2006.
- CONTINENTINO, Ana Maria. Derrida & a educação. **APRENDER: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, v. 2, n. 7, p. 7–15, 2006.
- CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. **Revista Digital do LAV**, v. 5, n. 8, p. 1–19, 2012.
- DUARTE, Rosalia. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, v. 24, p. 213-225, 2004.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2008.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 8, n. 1, Jan-Abr., 2025

WHYTE, William F. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A.Z. **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1980, p. 77-86.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALVÃO, Bruno Abílio. Foucault, Deleuze e a máquina escolar: A escola como dispositivo de poder e a produção de corpos dóceis. **Revista Ideação**, 2017.

MCLAREN, Peter. Paulo Freire e o pós-moderno. **Educação & Realidade**, v. 12, n. 1, p. 3-13, 1987

PIMENTA, Alexandre Marinho. Contribuições de Althusser e Foucault para os estudos sobre militarização de escolas públicas no Brasil. **Revista Trabalho Necessário**, v. 21, n. 44, 2023.

SOARES, Rhuany Andressa Raphaelli; WEISS, Raquel Andrade. A educação como socialização em Émile Durkheim. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 28, n. 1, p. 13–33, 2021.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 63, 2007.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educ. Soc.**, v. 8, n. 101, p. 1287-1302, 2007.